

ECOS DA OBRA DE DANTE ALIGHIERI QUE RESSOAM NA MODERNIDADE

Suzana Yolanda L. Machado Cánovas (FL/UFG)
sylvcanovas@gmail.com

RESUMO: Dante Alighieri (1265-1321) immortalizou-se com sua monumental *Comédia*, entretanto não deve ser desmerecido o conjunto de sua obra, escrita tanto em latim como em vernáculo. Vivendo no final da Idade Média, o autor sintetiza o conhecimento do seu tempo, mas retoma a tradição antiga, estabelecendo uma ponte entre a Antiguidade Greco-latina e o período do humanismo pré-renascentista e renascentista. Considerado por Erich Auerbach como o pai da literatura moderna, Dante continua a exercer influências na contemporaneidade. Este trabalho tem como objetivo salientar a modernidade do autor, que é o pai da língua italiana, o criador da crítica literária moderna, e, segundo Eduardo Sterzi, o fundador de uma nova compreensão da arte literária. Segundo Auerbach, Dante é o primeiro a configurar o homem como indivíduo histórico e um dos criadores do Romantismo. Além disso, o poeta florentino dá novas feições ao épico, cultivando o hibridismo dos gêneros. Segundo Harold Bloom, ele fornece modelo e arquétipo para conceitos e temas-chave da cultura contemporânea tais como amor, medo, viagem e muitos outros. Constituem o *corpus* deste trabalho *A Divina Comédia* e *Vida Nova*, e serão utilizados sobretudo autores que se ocuparam da obra de Dante como Auerbach e Sterzi.

Palavras-chave: Literatura italiana. Dante Alighieri. Tradição. Modernidade.

Dante [Durante] Alighieri nasceu em Florença, entre 14 de maio e 13 de junho de 1265 – em decorrência da imprecisão da data de seu nascimento, a Itália dedica-lhe o dia 22 de maio – e morreu em Ravena, na noite de 13 para 14 de setembro de 1321.

Dante immortalizou-se com sua *Comédia* [*Commedia*], rebatizada por Giovanni Boccaccio (1313-1375) como *A Divina Comédia*. [*Divina Commedia*]. Entretanto, é importante que não seja desmerecido o conjunto de sua obra, escrita tanto em latim como em vernáculo (italiano), e que se divide em duas fases, a florentina, e a do exílio. Banido de Florença em 1302, por questões políticas, o poeta permaneceu para sempre impedido de voltar a sua cidade natal.

Pertencem à fase florentina *Vida Nova* [*Vita Nova*], seu primeiro livro, composto entre 1292 e 1294, mas que reúne produções líricas escritas anteriormente, entre 1283 e 1293. Há também poemas mantidos fora desse livro que se destacam pelo uso do idioma vulgar e pela escolha do gênero lírico.

Rimas [*LeRime*] são poesias líricas compostas em grande parte na época florentina e algumas nos primeiros anos do exílio.

Fazem parte da fase do exílio dois tratados escritos em latim e que ficaram incompletos. Em *Convívio* [*Convivio*] o poeta pretendia resumir todo o conhecimento da época em quinze livros, mas apenas os quatro primeiros foram concluídos. A obra é configurada, segundo o autor, como um banquete espiritual em que o alimento principal são as canções, e o pão, o comentário. A ideia não é completamente original, basta que se recorde *O banquete* [*Symposium*], de Platão. Em *De vulgari eloquentia* defende a língua italiana. É interessante observar que essa obra, ainda que fale da língua vulgar, foi escrita em latim. Segundo o autor, deveria conter quatro livros, entretanto, ela foi interrompida no capítulo XIV, do II livro. *Monarchia*, cuja variante

do título é *De Monarchia*, é um tratado de argumento político, composto em língua latina, que está dividido em três livros, em que defende a total separação entre a Igreja e o Estado.

Além disso, há as *Éclogas*, as *Epístolas* e *A disputa da água e da terra* [*Questio de aqua et de terra*]. Sobre esta última, durante muito tempo a crítica vacilou em torno da sua autenticidade, mas, atualmente, a questão está resolvida. Esta obra foi o tema de uma palestra pública ao Clero e à Universidade de Verona, em 20 de janeiro de 1320. O objeto da “disputa” [“*questio*”] diz respeito às alturas da Água e da Terra e à posição da Terra no Universo (BONNELL, 2005, p. 191).

Na sua *Comédia*, o poeta realiza uma viagem aos três reinos extraterrenos – Inferno, Purgatório e Céu –, está composta de catorze mil duzentos e trinta e três versos decassílabos, distribuídos em cem cantos, que apresentam um caráter enciclopédico, resumindo o conhecimento da época. O poeta concluiu a sua obra monumental no ano de sua morte.

Tendo vivido no final da Idade Média, Dante retrata esse contexto em sua produção literária: as disputas teológicas e políticas, as lutas entre o papado e o império e entre guelfos e gibelinos (os dois partidos políticos em que a Itália estava dividida), e a passagem da cultura escolástica para a humanista. O poeta florentino sintetiza o conhecimento de seu tempo, mas retoma a tradição antiga, estabelecendo uma ponte entre a Antiguidade Greco-latina e o período do humanismo pré-renascentista e renascentista, do qual é precursor.

Na *Comédia*, quando Dante chega ao Limbo, onde estão aqueles que não conheceram a verdadeira religião, ou que morreram sem batismo, o poeta, na companhia de Virgílio, encontra grandes autores da Antiguidade – Homero, Horácio, Ovídio e Lucano – que, confabulando a um canto, o incluem entre eles, grandes poetas da literatura:

Depois de terem conversado a um canto,
volveram-se e fitaram-me, acenando:
e meu mestre sorriu de favor tanto.

E honra maior me foram demonstrando,
tal, que acolhido em sua companhia,
eu era o sexto aos mais ali somando.

(Inferno, IV, 97-102)

Temos como principal objetivo enfatizar aqui o fato de Dante, autor medieval, que dialoga com poetas da Antiguidade, anunciar a modernidade. Em primeiro lugar, salientamos que ele é o pai da língua italiana. Na época do autor, as obras importantes eram escritas em latim, e tanto ele como Boccaccio e Francesco Petrarca (1304-1374) escreveram na língua vernácula – na época uma língua inculta, desprovida de tradição literária – e que é a base principal do italiano moderno. Assim, o poeta florentino transforma o vulgar em instrumento capaz de expressividade literária, dando início à literatura em língua italiana.

Além disso, a modernidade de *Vida Nova*, seu primeiro livro, é um marco nos estudos de literatura ocidental. É a narrativa de uma história de amor, que celebra a figura da amada de Dante, identificada por Boccaccio, que é o primeiro a lhe conceder uma realidade histórica, como Beatrice, ou Bice, a filha de Folco Portinari, que se casou com o banqueiro Simão de Bardi, e morreu aos vinte e quatro anos de idade.

Segundo dados fornecidos em *Vida Nova*, quando a viu pela primeira vez, Dante tinha nove anos e ela, oito e quatro meses. A partir do momento em que a vê – “vestida

de nobilíssima cor, humilde e honesta, sanguínea, cingida e ornada à guisa que à sua juveníssima idade convinha” (ALIGUIERI, 2003, p.91) – converte-se no *leit-motiv* (e) da vida e da obra do poeta, que começa o livro relatando essa experiência.

O *libello* (livrinho), como Dante modestamente chama esse primeiro livro, é constituído de poemas, uma balada, cinco canções e vinte e cinco sonetos, que são intercalados com trechos em prosa nos quais o autor apresenta comentários dos textos poéticos, e fornece dados autobiográficos que servem para articular a sequência dos poemas apresentados.

Eduardo Sterzi, poeta, crítico literário e professor, autor de uma tese de doutorado sobre *Vida Nova*, enfatiza, em sua obra *Por que ler Dante* (2008), o fato de que, ainda que a *Comédia* seja considerada a sua obra-prima, o primeiro livro do poeta florentino reveste-se de singular importância. Segundo o pesquisador

Vida Nova é o primeiro livro concebido e executado como livro em toda a então emergente produção literária nos vernáculos europeus. E não só em italiano, o que faz da *Vida Nova* também o primeiro livro de toda a literatura moderna. Esta primazia da *Vida Nova* está intrinsecamente relacionada à sua raridade ou mesmo unicidade no que toca ao gênero literário. Afinal, trata-se também do primeiro *prosimetrum*¹ ocidental (2008, p. 72-73, grifos do autor).

Sterzi declara ainda que, com *Vida Nova*, Dante funda uma nova compreensão da arte literária.

Essa compreensão passa pela reivindicação da autoridade do lírico vernacular como *poeta* (isto é, como *autor*, senhor de sua própria “vontade de dizer”), em contraposição à sua falta de autoridade enquanto *trovador* (submisso a vontades alheias, a expectativas e encomendas senhoriais). Mas esse aspecto, digamos assim, “institucional” da verdadeira revolução levada a cabo na *Vita Nova* só se torna consistente a partir de um minucioso mapeamento, de viés psicológico (psicologia medieval, certo, com sua atenção aos “espíritos”, aos suspiros, aos tremores), de uma ideia emergente de *subjetividade* que também se processa no livro. [...] é, antes de tudo, o nascimento do sujeito moderno (ou, de um certo sujeito moderno), gestado no ventre da lírica, que assistimos na *Vita Nova* (STERZI, s.d. p. 32, grifos do autor).

Da mesma forma que *Vida Nova* é uma obra de admirável modernidade no tocante à fuga a qualquer classificação que diga respeito a gênero literário, a *Comédia* também se distancia de uma classificação rígida de gênero. Esta obra pode ser considerada uma epopeia, já que apresenta um fato grandioso, um herói que vive determinadas aventuras, que se constituem em verdadeiras provas iniciáticas, e os acontecimentos transcorrem num espaço que, a despeito de pertencer a uma geografia extraterrena, serve de palco para façanhas épicas. Entretanto, a obra traz como novidade o fato de a história ser narrada em primeira pessoa pelo próprio autor, que é o herói das aventuras vividas, o que lhe confere um tom lírico. Além disso, o poema participa também do gênero dramático, já que há a ocorrência de muitos diálogos e estão presentes elementos da comédia e da tragédia. O próprio autor chamou sua obra de “comédia”, porque, segundo explica, como nas comédias, a narrativa começa mal – Dante perdido em uma selva escura, da qual não consegue sair sem o auxílio de Virgílio – e termina na beatitude do Paraíso. A *Comédia* participa também da tragédia, pois há nela uma visão do irrevogável, que comporta a questão da culpa, não a concebida pela cultura grega, mas aquela da tradição judaica, incorporada

¹ Um *prosimetrum* (pl: *prosimetra*) é uma composição poética que explora uma combinação de prosa e verso, que aparecem alternados.

posteriormente pelo cristianismo, que engloba a noção de tempo linear, historicidade, messianismo e redenção (LOMBARDI, s.d. p. 17).

Erich Auerbach, filólogo alemão, autor de importantes estudos dedicados a Dante, como o capítulo “Farinata e Cavalcante”, que consta de sua obra *Mímesis: a representação da realidade na literatura ocidental e Dante: poeta do mundo secular* entre outros. O autor assegura que Dante foi o primeiro poeta europeu a retratar as personagens em suas individualidades, não mais heróis lendários e remotos, mas o ser humano tal qual o conhecemos em sua inteireza e realidade histórica (1997). Além disso, o filólogo alemão declara que

Dante foi [...] um dos criadores do Romantismo. Sua obra é largamente responsável pelo fantástico mundo gótico de sonhos que se criaria tantos séculos depois dele e pela exaltação feita por essa escola, na literatura como nas artes visuais, do horrível e do grotesco (1997, p.139).

Dante é também considerado o criador da crítica literária moderna. Além dos comentários que realiza de sua própria produção poética em *Vida Nova*, é autor de um sistema interpretativo que compreende vários sentidos para a obra literária – literal, alegórico, moral e anagógico. O poeta explica isso em carta a Can Grande de la Scala, de Verona, na Carta XIII do seu epistolário.

Para esclarecer os pontos indicados há que advertir que o sentido desta obra não é único, e sim plural, isto é, têm muitos sentidos, [...] O primeiro chama-se sentido literal, o segundo sentido, alegórico, moral ou anagógico. Para que fique mais claro este procedimento, consideraremos os versículos seguintes: *Ao sair Israel do Egito, a casa de Jacob, de um povo bárbaro, Judeia converteu-se em sua santificação e Israel em seu poder*. Se nos atermos somente à letra, menciona-se aqui a saída do Egito dos filhos de Israel em tempos de Moisés; se nos atermos à alegoria, significa a nossa redenção realizada por Cristo; se olharmos o sentido moral, faz-se referência à conversão da alma do estado lutuoso do pecado até o estado de graça; se procurarmos o sentido anagógico, significa a saída da alma santa da escravidão da nossa corrupção até a liberdade da eterna glória. E, ainda que estes sentidos místicos recebam denominações diversas, em geral todos podem chamar-se de alegóricos, por serem diferentes do sentido literal ou histórico. Pois o nome de *alegoria* provém do adjetivo grego *alleon*, que em latim significa *estranho* ou *diferente*.

Tendo Dante desempenhado importante papel no tocante a inovações trazidas para a literatura e contribuições para o surgimento da crítica literária, perguntamo-nos acerca da ressonância de sua obra na atualidade. Citaremos dois exemplos mencionados por Andrea Lombardi, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no seu artigo “Um corpo que cai”. O autor faz alusão à “literatura de testemunho”, que é um conjunto de textos elaborados por sobreviventes dos diversos “genocídios do século passado a partir dos relatos dos judeus que sobreviveram à Segunda Guerra Mundial” (s.d., p.18), que tem o Inferno de Dante como parâmetro e modelo.

O pesquisador cita Harold Bloom, crítico literário americano, que diz que os textos de Dante fornecem “modelo e arquétipo para conceitos e temas-chave da cultura contemporânea: amor, medo, viagem, culpa e tantos outros” (LOMBARDI, s.d., p. 16).

Deixando de lado produções que circulam na mídia como jogos, histórias em quadrinhos, textos e filmes inspirados na *Comédia*, sobretudo no Inferno, que estão fora dos limites deste trabalho, finalizamos afirmando que, ainda que tenham transcorrido mais de setecentos anos, a obra de poeta não se constitui num marco envelhecido, mas permanece viva na contemporaneidade.

Referências

- ALIGUIERI, Dante. *A Divina Comédia*. 2.ed.Trad. Cristiano Martins.Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979, 2
- _____. *Da monarquia. Vida Nova*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____.Epistolário. In: _____. *Obras completas de Dante Alighieri*.Version castellana de Nicolas Gonzalez Ruiz. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, MCMLXV.
- AUERBACH, Erich. *Dante, poeta do mundo secular*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- BOCCACCIO, Giovanni. Trattatello em louvor de Dante. In: AUBERT, Eduardo Henrik (Seleção, tradução, introdução e notas). *Vidas de Dante: escritos biográficos dos séculos XIV e XV*. Cotia (SP):Ateliê Editorial, 2011, p. 117-198.
- BONNELL, Robert. *Dante, o Grande Iniciado: uma mensagem para os tempos futuros*. São Paulo: Madras, 2005.
- LOMBARDI, Andreas. Um corpo que cai. *Entreclássicos: Dante Alighieri*. Revista Entrelivros. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto, n.1, s.d., p. 14-29.
- STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. Canto novo, vida nova. *Entreclássicos: Dante Alighieri*. Revista Entrelivros. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento-Duetto,n.1, s.d., p. 32.